O PAPEL DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LAISE GONÇALVES RAPOSO

RESUMO

A literatura desempenha um papel fundamental na formação das crianças, sendo uma ferramenta poderosa que amplia horizontes, estimula a imaginação e promove o desenvolvimento cognitivo e emocional desde a mais tenra idade. Na educação infantil, a literatura não é apenas um meio de entretenimento, mas uma porta de entrada para um mundo de possibilidades. Ao introduzir as crianças ao universo dos livros, estamos não apenas incentivando a leitura, mas também proporcionando um espaço de reflexão, aprendizado e crescimento. Por meio das histórias, os pequenos exploram novas realidades, desenvolvem a empatia ao se colocarem no lugar de personagens diversos e aprendem importantes lições de vida de forma lúdica e envolvente. Além disso, a literatura na educação infantil contribui para o desenvolvimento da linguagem, estimulando a criatividade, a expressão oral e escrita, e enriquecendo o vocabulário das crianças. Os livros infantis são uma ponte para o mundo da fantasia e da imaginação, ajudando a construir a base para uma relação saudável e duradoura com a leitura. Por meio da literatura, as crianças podem explorar diferentes culturas, tradições e valores, ampliando sua visão de mundo e fortalecendo sua identidade. As histórias infantis são um convite à diversidade e à inclusão, promovendo o respeito às diferenças e a valorização da pluralidade. Dessa forma, o papel da literatura na educação infantil vai muito além de ensinar a ler e escrever. Ela é um instrumento poderoso de transformação e crescimento, que acompanha as crianças em sua jornada de descobertas, aprendizados e crescimento pessoal. Investir na leitura desde cedo é investir no futuro de nossas crianças, preparando-as para serem cidadãos críticos, criativos e sensíveis às complexidades do mundo que as cerca.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizados; Descobertas; Leitura.

INTRODUÇÃO

Paradoxalmente, muitas vezes ouvimos que a leitura está em crise, que em geral as pessoas leem muito pouco e que as crianças não querem ler, embora hoje se publiquem mais livros do que antes e mais pessoas tenham acesso à educação e saibam ler.

É impressionante que os benefícios da leitura sejam reconhecidos e, ao mesmo tempo, que se tenha pouco interesse por essa atividade, principalmente na leitura de livros. Esse problema é complexo, multifatorial e, a partir daí, aumenta o quadro limitado da sala de aula, ao qual alguns tentam circunscrevê-lo.

Não obstante o exposto, é necessário qualificar e relativizar diagnósticos categóricos como "as crianças não leem", "as crianças não gostam de ler" ou "não sabem ler". Talvez, em vez de insistir na importância e no bom que é ler, sem maiores fundamentos e com os argumentos tautológicos de que a leitura é importante para melhorar a compreensão da leitura ou para valorizar a literatura, seria mais produtivo vivenciar a leitura, ou seja, ler, aproximar os livros das crianças, jovens, pessoas e falar sobre e com base em livros.

O circuito de produção e recepção de livros infantis tem características específicas e complexas: os atores da comunicação correspondem a diferentes esferas: autores, intermediários ou mediadores (instituições, editoras, escolas), críticos e leitores.

No entanto, hoje em dia as crianças estão cada vez mais exercendo seu direito de escolher o que leem e de opinar sobre os livros, uma vez que há uma maior definição de um campo da literatura para crianças, com escritores que assumem seu destinatário.

Portanto, as crianças também são consideradas destinatários desses textos. Encontramos cada vez mais livros cujos paratextos apelam diretamente às crianças e não aos mediadores. As crianças estão sendo mais ouvidas em termos de gostos, o que é evidenciado pelas taxas de vendas das obras de alguns autores, que muitas vezes superam as vendas de escritores adultos cuja produção é best-sellers.

Entretanto, isso não significa que os adultos estejam desvinculados de nosso papel na formação da leitura. Pelo contrário, a vasta produção de literatura infantil nas últimas décadas torna essa tarefa mais premente, o que é ainda mais urgente para os professores. Hoje em dia assistimos a um aumento significativo da publicação de literatura infanto-juvenil, o que num primeiro momento me faz pensar: que bom! há um maior interesse em incluir as crianças como leitores, há um maior interesse no mundo infantil por parte de quem escreve e edita. Mas depois de se aventurar nessa literatura, a alegria dá lugar a um olhar inquisitivo e decepção em muitos casos, porque nem tudo que reluz é ouro.

Ao contrário do que se possa pensar, não é fácil escrever literatura infantil de qualidade, assim como não é fácil escrever literatura ou, de forma mais geral, criar uma obra de arte. Isso se não renunciarmos à dimensão estética da literatura infantil como condição imperdoável.

POTENCIAL PARA GERAR DIÁLOGO ENTRE LEITORES INFANTIS E LEITORES ADULTOS

A literatura infantil de qualidade oferece um espaço para o sujeito criança se encontrar e o sujeito adulto, um reencontro com a criança que éramos; portanto, permite uma maior aproximação com as crianças ao nosso redor. Isso não é alcançado por nenhum texto classificado sob o rótulo de literatura infantojuvenil, mas por obras que conseguem gerar experiência de leitura em crianças e adultos. Para isso, a honestidade do escritor no momento da criação afetará a autenticidade que ele imprime em suas obras, seja qual for o tema e o tratamento que decida adotar, seja bem-humorado ou sério. A infância nunca nos deixa, mesmo quando nos esquecemos muito dela.

É interessante perguntar que formas de diálogo as obras provocam entre os personagens infantis e os personagens ou figuras dos adultos, e entre a criança histórica e os leitores adultos contemporâneos.

É verdade que o prazer da leitura é uma experiência muito pessoal que não podemos passar para o outro. Portanto, o próprio prazer não garante o do outro, mas é um germe que amplifica as possibilidades de espalhar o interesse por uma obra e despertar o interesse por outras. Agora, quando falamos sobre o prazer da leitura, temos que entender algo mais complexo e sutil do que mero entretenimento, riso ou alegria. É essa ideia que tem feito alguns questionarem a ênfase que algumas abordagens têm colocado no prazer da leitura.

Em princípio, quando se escreve livremente, isto é, quando se escreve por profissão literária, sem coerção interna ou externa, quando o leitor não é subestimado e quando se renuncia à escrita sob o mandato de educá-lo, no sentido de projetar uma intenção didática, funcional, que determina as características da obra e que se impõe à função estética da literatura. Embora tenham sido feitos progressos no campo literário e educacional no que diz respeito à visão da literatura para crianças, a função educativa, especialmente baseada em valores, com um tratamento reducionista das obras, ainda tem forte presença na produção e seleção de obras para crianças e é frequentemente imposta em catálogos de livros e na prática docente.

A literatura é instrumentalizada para ser útil, e é percebida como útil na medida em que serve para trabalhar algum conteúdo linguístico, como aprender vocabulário, ou algum tema objetivo ou transversal. Mas sabemos que esses aspectos por si só não garantem a qualidade literária das obras.

As obras clássicas da literatura infantil são caracterizadas por transcender a idade. Em certos casos, trata-se de textos que não foram intencionalmente concebidos para destinatários, ouvintes ou leitores, crianças, mas cuja escrita consegue incluí-los. Em outros casos, obras destinadas ao público infantil envolvem leitores adultos porque configuram experiências humanas diversas e profundas, em uma composição praticamente cativante. Uma literatura infantil que consiga isso certamente transcenderá a passagem de gerações.

A literatura oferece um espaço para a criança e o sujeito adulto se encontrarem, um reencontro com a criança que éramos; portanto, permite uma maior aproximação com as crianças ao nosso redor. A infância nunca nos deixa, mesmo quando nos esquecemos muito dela em nossa consciência. Um traba-

lho infantil de qualidade pode e merece ser lido em qualquer idade, embora os significados e significados variem entre adultos e crianças. Portanto, no caso dos contos de fadas, é claro que as crianças não elaborarão uma análise psicanalítica, mas suas leituras envolvem um aprendizado psíquico que as conecta com suas experiências e seu mundo afetivo.

No entanto, a literatura infantil tem sido injustamente minorizada. A qualidade literária é diversa em todas as ordens literárias, de modo que a marginalização da literatura infantil não se deve tanto à qualidade, mas à concepção de infância e ao lugar que lhe foi atribuído nas sociedades.

Esse encontro ou relação entre a criança e o sujeito adulto é uma das experiências psíquicas sensíveis, como a psicanálise, a literatura e outras formas artísticas nos mostraram.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO UNIVERSO INFANTIL

Contar uma história é diferente de ler uma história, e na escola há espaço para as duas práticas. O contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público. Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor.

Todo professor pode se tornar um contador de histórias. No início, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Aos poucos, ele vai se apropriando das narrativas e começa a querer contar aquelas de que mais gosta. Cada contador, usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas. Algumas sugestões são importantes para quem deseja se aventurar pela arte de contar histórias: é recomendável uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando apreender o sentido mais profundo, ou seja, buscando compreender a sua essência; é interessante, também, que se faça uma divisão do conto em cenas ou partes principais, e que se identifique a estrutura da narrativa; por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam na sequência narrativa.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Caldin (2001, p. 32):

> Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

Percebe-se que os contos de fadas são influenciados pela política que o país vivencia, sendo também uma forma de expressar opiniões em forma de metáforas para denunciar os governos.

Segundo Coelho (1991, p.57):

> Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato foi o autor que deu início à literatura infantil, criando mundos e seres imaginários, por meio das aventuras de seus personagens, sempre instigando a imaginação das crianças que têm contato com suas obras até os dias atuais.

De acordo com Turchi (2018, p. 14):

> No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos

disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Portanto, atualmente a literatura preserva seus elementos da narrativa dos contos de fadas, mostrando uma preocupação com os problemas da vida cotidiana por meio dos livros, que são adaptados às necessidades sociais.

Segundo Freud (apud Franz, 1962) todo sonho é uma expressão relevante da vida interior e, sua interpretação, é o caminho para a compreensão do inconsciente. Freud (apud Franz, 1962, p. 17) percebeu que os sonhos não se diferenciam dos mitos e Contos de Fadas, e que são um fenômeno humano universal. Numa história, a sucessão de acontecimentos representa a experiência interna do herói - história latente – numa linguagem simbólica.

As crianças ao lerem/escutarem Histórias entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens podem avaliar as situações de uma forma mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos identificando-se com os personagens, os contos possibilitam a criança ver-se "de fora" da situação, com um olhar mais distanciado pode-se melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução.

Temos que ter em mente que ao analisar os significados dos contos, pode haver um apego demasiado a alguns aspectos não existentes em relatos mais antigos.

As histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastantes complexas, pois oferecem possibilidades de se construir uma ponte entre o inconsciente e a realidade, visto que em cada história uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente e mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi assimilada.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou deixar que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o universo infantil, uma vez que servem como mediação entre a criança e a realidade, atuando na resolução de conflitos e na estruturação da personalidade, através dos simbolismos representados pelos personagens.

ASPECTOS POSITIVOS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL

Desde os tempos antigos contar histórias, ler para o outro fazia parte de uma tradição, a qual nossos pais, avós contavam e recontavam histórias belíssimas, cheias de encanto. A família se reunia e partilhava momentos que fazia viajar pela imaginação.

Essa prática foi se perdendo e infelizmente nos dias de hoje dificilmente ouvimos ou temos tempo para contar uma história ou uma prosa. E é por isso que devemos refletir melhor as práticas de aprendizagem dentro da escola, de maneira com que favoreça e possa suprir a necessidade de cada indivíduo.

Segundo Abramovich (1997, p.23): "[...] O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o representar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o querer ouvir de novo [...]. Afinal, tudo pode nascer de um texto [...]".

A leitura proporciona inúmeros aprendizados, desenvolve capacidades cognitivas, diferentemente de um filme, que oferece os conteúdos já prontos. Cada leitura feita deixa marcas em seus leitores/ouvintes, oferecendo ingredientes para se aventurar por meio das palavras, tais como: ideias, paisagens, estratégias, singelezas, bondades, encantamentos, sustos, indignações e ternuras.

Dar oportunidades para que a criança conte história numa roda de amigos, deixar aquela escolha o que vai contar o que quer partilhar naquele momento, pode ser uma história que já ouviu e que gostou muito, como também histórias que costumam ouvir em suas famílias, essas particularmente, observei terem mais ênfase por parte deles, com certeza, por fazer parte do real, do vivido, que apenas eles sabem como será o final. Práticas desse tipo possibilitam trabalhar:

entonação, dicção, expressão facial, corporal, interpretação, vocabulário, fluência, desenvolvendo também o exercício da socialização.
Atividades orais oferecem condições ao aluno de falar com fluência em situações formais, adequando a linguagem às circunstâncias apresentadas, apurando a fala a cada novo aprendizado. Possibilita ainda a praticar e aprender a convivência democrática, que supõe o respeito do falar e do ouvir.
A oralidade trabalhada através de textos, histórias ouvidas, é grande facilitador para que o processo de produção textual aconteça.
A partir das narrações a criança desenvolve um esquema de texto. Em se tratando de histórias, por exemplo, a criança começa a entender que nelas há um começo, meio e fim. Percebe também que estão contando alguma coisa que aconteceu, seja verídico ou não. Notam que existe uma ordem, onde há um fato que aconteceu primeiro e que levou a outros fatos se chegando a um determinado final. Essa prática auxilia as crianças a lembrar-se de histórias que já ouviram e até mesmo a construírem novas histórias, ficando entendido que necessitará de um começo, meio e fim, mesmo que apresente ainda no início essa ordem meio desconexa.
Ao ouvir histórias a criança percebe que existe nelas uma sequência, uma ordem para que tudo aconteça, e ao reconstruir essa sequência mentalmente, seja para lembrar-se ou para contar a alguém, desenvolve um esquema de história, fazendo dela uma representação mental.
A partir disso, desenvolverá representações das partes que compõem uma história, sendo elas, os personagens, o cenário, o tema, a trama da história e o desfecho. O ato de recontar histórias permite que a criança amplie seu vocabulário desenvolvendo uma linguagem interna mais sofisticada, potencializando tanto a linguagem oral quanto a escrita.
A criança que ouve muitas histórias ao se deparar com o livro, tenta reproduzir a mensagem como se realmente estivesse lendo, fazendo uso de um vocabulário próprio de um leitor, podendo observar então, a diferença com a maneira com que se expressa na linguagem informal. Ao contrário disso, uma criança que não possui um contato relevante com a leitura poderá fazer o mesmo gesto apenas na decifração de imagens apresentadas, não acompanhando assim o desenrolar da história. Nota-se aqui a importância da leitura ser apresentada de maneira precoce para a criança, contribuindo assim, como fator decisivo para seu processo de evolução.
O contato da criança com o livro, segundo estudo acontece em diversas fases, inicialmente com a criança apontando e nomeando figuras e vai se evoluindo até chegar à leitura de faz de conta.
Várias atividades podem ser propostas a partir de uma leitura. Deve se incentivar as crianças a recontar, no início é importante que a mesma seja orientada para que possa perceber elementos significativos. De acordo com a necessidade da criança é possível intervir com perguntas que auxiliarão na aprendizagem, tais como: e agora? O que aconteceu depois disso? Onde aconteceu? Essas e muitas outras intervenções servirão como base para próximos recontos. Para crianças que já possuem contanto com a leitura, podese dar início á história e pedir para que a criança dê continuidade.
O reconto de histórias feito pelas crianças não é uma atividade presente nas salas de aula da educação infantil, o professor está mais acostumado a expor a criança à ouvir histórias, talvez não sendo parte do seu conhecimento os benefícios que o reconto proporciona para a mesma e o quão significativo é para a evolução de aprendizagens futuras. Muito raramente nos colocamos como espectador frente à criança que reconta ou cria uma história, deixando assim de conhecer, incentivar e prestigiar os avanços presentes nelas.
É necessário dar mais atenção quando uma criança fala. Geralmente só nos atentamos no produto final da mensagem que ela deseja transmitir. Esse é um erro gravíssimo, pois devemos nos guiar pela maneira que a mesma faz e as palavras que utiliza para se comunicar, pois só assim poderemos avaliar alguns aspectos do seu desenvolvimento linguístico.
Ao valorizar e permitir a escuta da criança, o professor poderá verificar o número de palavras que a mesma utiliza para construir uma frase, poderá também perceber se os

assuntos que ela traz têm coerência, se existe uma sequência, uma lógica, no caso dos livros, se a criança dá relevância apenas às imagens, ou se tenta construir uma história a partir das páginas.

Desde cedo a criança tem contato com brincadeiras que envolvem palavras. Enquanto bebês se deliciam com as cantigas de ninar, com cantigas de roda e aos poucos vão conhecendo as rimas, trava-línguas, parlendas, adivinhas, mostrando-se cada vez mais interessadas por esses tipos de brincadeira, as quais memorizam com facilidade. Tendo em vista que são conhecimentos subentendidos da criança, considerando não ser um processo apenas do seu desenvolvimento, são consideradas essenciais para o processo de alfabetização, necessitando assim de um trabalho pedagógico intencional para que a mesma evolua.

As brincadeiras com as palavras estão muito presentes na educação infantil, e delas podemos tirar proveitos significativos que as auxiliarão na transição da educação infantil para o ensino fundamental, já que serão úteis para que avancem na compreensão das relações entre os sons da língua e sua representação na escrita.

Desenvolvendo atividades significativas e intencionais, tendo em mente que a alfabetização não está centrada em um único ano de escolaridade, entende-se assim que muito pode ser feito na educação infantil para que a mesma possibilite o avanço da criança no processo de alfabetização.

Levando em consideração a importância da leitura e escrita na nossa cultura, a escola deve garantir às crianças o contato com as práticas letradas desde a educação infantil, trabalhando de maneira lúdica textos de diferentes gêneros, refletindo assim as palavras escritas, sem cobranças que não estão ao alcance da criança pequena.

Em suma, a educação infantil é fase importante para o processo de início da alfabetização, dessa maneira torna-se imprescindível voltar as experiências da criança à atividades significativas, proporcionando às vivências com a linguagem oral, escrita, corporal, desafiando as mesmas a refletir sobre os diversos assuntos, participando de maneira lúdica.

Pode-se concluir que, um trabalho diferenciado no qual, desde a educação infantil, a criança seja inserida em práticas de leitura e escrita alfabética é de grande importância para sua transição já que terá uma bagagem considerável ao chegar no ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de leitura se tornam mais esperadas pela criança quando são feitos usos de objetos para representar a ação, essa prática sem dúvida deixa a leitura mais divertida. Através das representações feitas pelas crianças, pode-se ter uma noção do que ela assimilou, e ela transmitirá esse aprendizado através de seus comentários, comportamentos, faz de conta ou um desenho.

A imaginação da criança começa a trabalhar antes mesmo da história se iniciar. Ficam curiosas por saber qual estratégia será utilizada pelo professor naquele momento para determinada história.

É importante que o professor seja criativo, pois a criança necessita de repertórios para que possa então reproduzir as histórias, já que a imitação está intimamente ligada a ela. O reconto das histórias feitas pelas crianças é rico de detalhes, e deve ser observado e avaliado.

A criança precisa de conhecimentos significativos para que seu desenvolvimento na aprendizagem ocorra de forma eficiente. É muito mais interessante para ela aprender através de experiências, das quais possam ver, tocar e dominar.

Deve-se levar em consideração a singularidade de cada pessoa, respeitando seus ritmos. Cada criança tem seu tempo, para engatinhar, andar, falar, e tudo isso não pode ser apressado.

Fazer a troca do eletrônico por um livro não é uma tarefa impossível e nem fácil, devemos mostrar que o livro é tão interessante quanto o eletrônico, basta que o mesmo seja apresentado de maneira atrativa e diversificada, despertando assim a curiosidade da criança e o desejo por aprender.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. Scipione, 1989.

CALDIN, Clarice Forkamp. A poética da voz e da letra na literatura infantil: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991. SOARES, M. A reinvenção da alfabetização- Presença pedagógica. Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul/ago., p. 15-21, 2003.

TURCHI, Sandra R. Estratégia de Marketing Digital e E-Commerce. 2 ed. São Paulo: Atlas LTDA, 2018.